

Entre notas de choro e sabores de samba: tradição oral, comensalidade e negritudes em Rodas de Conversa no subúrbio carioca¹

Adelaide CHAO²
Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Esse artigo busca compreender como a Roda de Conversa, uma prática formal e constante no ambiente educacional é reproduzida e representada em eventos de lazer popular no subúrbio carioca. Observamos através da *Roda de Choro* e da *Feira das Yabás*, as relações entre memória e história das rodas, a comensalidade no espaço público-comunitário e as conexões de ancestralidade e negritude, formadoras da cidade do Rio de Janeiro. O estudo utilizou-se da metodologia de pesquisa-ação e observação participante (Peruzzo, 2016;2022), da vivência sensível do pesquisador para perceber (e registrar) a importância da roda de conversa como prática de cidadania e comunicação comunitária.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; oralidade; memória; cultura urbana; comida de rua.

Apresentação

Os subúrbios cariocas, localizados nas zonas norte e oeste da cidade do Rio de Janeiro, são conhecidos, dentre outros fatores, como lugares de memória e cultura, por preservarem em seus espaços, tradições que formam a identidade cultural da cidade. Em espaços de lazer popular, como festas e eventos culturais, a tradição oral se manifesta de forma vibrante e dinâmica através das rodas de conversa, encontros organizados que não apenas preservam e disseminam a cultura, mas também fortalecem os laços comunitários (Paiva, 2003). Esses eventos, muitas vezes centrados em torno da música, especialmente do chorinho e do samba, e da comensalidade são fundamentais para a manutenção da memória coletiva e da identidade cultural. O subúrbio, com sua rica tapeçaria de histórias e experiências, oferece um cenário único onde tais práticas se desenvolvem e florescem, reforçando o sentido de pertencimento e continuidade entre seus moradores (Chao, 2015).

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre e doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora de pós-doutorado no PPGCom UFRJ, sob supervisão do prof. Dr. Muniz Sodré. Pesquisa subsidiada com apoio Bolsa de Pós-Doutorado FAPERJ Nota 10. E-mail: profa.adelaide.chao@gmail.com

Observando as rodas de conversa para além de um método ou técnica pedagógica, principalmente no campo da educação infantil (Petit, 2012) ou na saúde coletiva (Melo et.al., 2016), este artigo busca explorar como essa prática de comunicação oral, integrando música e comensalidade, atua como pilar na construção de uma comunicação comunitária e na preservação da memória cultural do subúrbio carioca.

Utilizando uma abordagem interdisciplinar e qualitativa, pretendemos destacar também a importância das rodas de conversa como espaços de resistência cultural e cidadania ativa, sublinhando seu papel na valorização e perpetuação da rica herança afro-brasileira do subúrbio carioca.

Percurso conceitual

A música, particularmente o samba e o chorinho, desempenha um papel central nesses encontros suburbanos, servindo como uma ponte entre gerações e como um meio de expressão da vivência cotidiana, desde a época de formação dos bairros. Esses gêneros musicais, nascidos e nutridos nos quintais e praças do subúrbio, carregam consigo não apenas ritmos e melodias, mas também narrativas de resistência, celebração e identidade. Em um passado não muito distante, Muniz Sodré (1998) observa que a criouliização ou mestiçagem dos costumes tornou menos ostensivos os batuques, obrigando os negros a novas táticas de preservação e de continuidade de suas manifestações culturais. O autor ressalta que ao observar os batuques do samba, do jongo, partido-alto, e até mesmo do pagode e do chorinho, há uma modificação, ora para se incorporarem às festas populares de origem branca, ora para se adaptarem à vida urbana. A marginalização socioeconômica do negro já se tornava evidente no final do século XIX, através da sistemática exclusão do elemento de cor pelas instituições (escolas, fábricas etc.). Essa desqualificação não era puramente tecnológica (não se limitava ao simples saber técnico), mas também cultural (os costumes, os modelos de comportamento, a religião e a própria cor da pele tornaram-se elementos estigmatizados pelo processo socializante do capital industrial) (Sodré, 1998, p. 13-14). Na virada do século, em eventos comunitários, a música se propõe a agir como um elemento unificador, capaz de reunir indivíduos de diferentes faixas etárias e origens sociais em torno de um patrimônio comum.

Tanto a Feira das Yabás quanto a Roda de Choro são eventos essencialmente musicais. Do início ao fim, os ritmos e a sonoridade permanecem no espaço da rua. O ato de comer no espaço público nestes eventos está intrinsecamente ligado ao ato de ouvir a

música, sentir o ritmo, perceber os diferentes movimentos dos corpos, seja em pé, seja sentado, batucando as mãos na mesa, remexendo o corpo enquanto come.

A comensalidade, ou o ato de compartilhar refeições, os “modos de comer e estar junto” (Maffesoli, 2005), complementa e enriquece essas rodas de conversa, criando um ambiente de hospitalidade e troca mútua). A comida, assim como a música, é um poderoso veículo de memória e identidade (Montanari, 2008). Nos encontros comunitários, pratos tradicionais da culinária carioca são servidos e apreciados, enquanto a roda de conversa acontece, evocando lembranças de família, celebrações passadas e histórias de vida. A comensalidade promove o convívio e o diálogo, permitindo conexões entre pessoas, memória e lugares (Chao, 2023). Nesse contexto, as rodas de conversa não são apenas momentos de transmissão de conhecimento, mas também de fortalecimento dos laços afetivos e sociais, essenciais para a coesão e a solidariedade comunitária.

Defino comida de subúrbio como sendo aquela refeição de hábitos cotidianos de uma culinária caseira, elaborada em grande quantidade, preparada com afeto para servir a muitas pessoas em momentos de celebração. A comida de subúrbio carioca representa a tradição familiar matriarcal, diretamente relacionada às memórias afetivas individuais e coletivas quando compartilhadas com outros sujeitos, já que é uma comida preparada e servida para muitas pessoas. São pratos típicos da gastronomia carioca, organizados com ingredientes simples, de baixo custo e de fácil acesso, geralmente produzidos na cidade do Rio de Janeiro (Chao, 2023). Produzir, reproduzir e compartilhar as refeições dessa gastronomia popular, não só fortalece os laços comunitários, mas também serve como um meio de transmitir histórias e memórias. Esse intercâmbio de saberes cultural e gastronômico permite que a comunidade negra do subúrbio carioca celebre e preserve sua herança de forma autêntica e significativa.

As rodas de conversa aqui analisadas, centradas na comensalidade, música e memória, são essenciais na preservação e valorização da cultura negra do Rio de Janeiro. A música, tanto o samba quanto o choro, patrimônios culturais brasileiros e que têm raízes profundas na ancestralidade e vivência, se reafirma como resistência assim como de celebração dessas identidades. Através da oralidade, histórias de luta e resiliência são contadas e recontadas, fortalecendo a identidade e a coesão comunitária. Ao destacar as contribuições das tradições afro-brasileiras para a cultura local, essas práticas ajudam a combater o racismo e a marginalização, promovendo ações de cidadania como veremos ao longo do estudo.

Percurso Metodológico

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de característica descritiva, apoiando-se em técnicas de observação participante em dois eventos públicos em bairros tradicionais do subúrbio carioca, zona norte da cidade do Rio de Janeiro:

- a) a *Feira das Yabás*, que acontece todo 2º domingo do mês na Praça Paulo da Portela no bairro de Oswaldo Cruz, região da Grande Madureira. Criada em 2008, a Feira é patrimônio cultural imaterial pela cidade e pelo estado do Rio de Janeiro;
- b) a *Roda de Choro* que acontece todo 3º domingo do mês no Reduto Pixinguinha, na Praça Ramos Figueira no bairro de Olaria – tradicional espaço da cultura musical do choro, bairro onde viveu o compositor, músico, maestro, professor e arranjador Alfredo da Rocha Vianna Filho, o famoso Pixinguinha.

Ambas fazem parte da programação oficial de eventos da Prefeitura da cidade como manifestação artística e cultural, a partir da gastronomia e música. A seleção das edições das rodas de conversa para análise nesse estudo deu-se a partir de observação participante em Oswaldo Cruz e relato de experiência em Olaria: a edição da Feira das Yabás em 10 de março de 2024, quando a ativista, pesquisadora e médica Jurema Werneck conduziu a conversa sobre saúde da população negra, em especial os cuidados com as mulheres; a edição da Roda de Choro realizada em 19 de maio de 2024, quando a pesquisadora Adelaide Chao relata sua experiência como condutora da roda de conversa sobre as relações entre memória e história cultural da comida de subúrbio carioca.

Além da pesquisa de campo, o estudo desenvolveu-se com pesquisa bibliográfica visando conceituar as rodas de conversa como prática metodológica de tradição oral, ressaltando o caráter sensível da comunicação comunitária (Paiva, 2003; Sodré, 2006). Analisamos também, como a herança cultural negra - através da música, da gastronomia e da comensalidade suburbana (Chao, 2023; Moreira, 2010) - impulsionam a cidadania e o sentimento de pertencimento ao território suburbano.

Figura 1 Roda de Conversa com Jurema Werneck - Feira das Yabás março 2024. Fonte: Internet (Instagram)



Figura 2 Varal Cultural com Adelaide Chao - Roda de Choro maio 2024. Fonte: Internet (Instagram)



REFERÊNCIAS

CHAO, Adelaide. **Comida de subúrbio: cultura, memória e comensalidade das yabás da Grande Madureira.** Rio de Janeiro: E-papers, 2023 (e-book). Disponível em https://www.e-papers.com.br/produtos.asp?codigo_produto=3461

CHAO, Adelaide. **Comunicação e Cultura: a Feira das Yabás / 2015.** 104 f. Trabalho de conclusão de curso (dissertação) de mestrado em Comunicação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

MAFFESOLI, M. **A mesa como lugar de comunicação.** In: MAFFESOLI, Michel. *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade.* Porto Alegre: Sulinas, 2005.

MELO, Ricardo H. Vieira de (et.al.). **Roda de Conversa: uma Articulação Solidária entre Ensino, Serviço e Comunidade.** Rev. bras. educ. med. 40 (2). Apr-Jun, 2016. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v40n2e01692014> .

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura.** Tradução: Letícia M. de Andrade. São Paulo: Senac, 2008.

MOREIRA, Sueli Aparecida. **Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos.** *Cienc. Cult.* [on-line], v. 62, n. 4, p. 23-26, 2010.

PAIVA, R. **O espírito Comum: comunidade, mídia e globalismo.** Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

PERUZZO, C. **Epistemologia e método da pesquisa-ação.** Uma aproximação aos movimentos sociais e à comunicação. Campinas, Galoá, 2016.

PERUZZO, Cicilia. **Pedagogia da comunicação popular e comunitária nos movimentos sociais.** Porto Alegre: Sulinas, 2022

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SODRÉ, Muniz. **As Estratégias Sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006